

Momentos decisivos da crise desencadeada pelo golpe de 2016

Antonio Almeida¹

Zilda Iokoi²

Desesperada pelo fracasso clamoroso do golpe de Estado de 2016 e estimulada pela intervenção militar no Rio e pelos grandes veículos de comunicação, a extrema direita está multiplicando suas ações violentas. O assassinato de Marielle Franco e os ataques contra a caravana de Lula no Sul são manifestações gravíssimas de uma situação política que vive momentos decisivos. O país encontra-se diante da possibilidade e da necessidade do retorno ao estado democrático de direito, mas também há o risco do aprofundamento do golpe por meio da violência política aberta. A extrema direita já fez sua opção que é ganhar no grito e na força já que não pode ganhar no argumento ou por meio de eleições. A violência dos extremistas cresce conforme cresce sua fragilidade política e argumentativa. Não sabem o que propor ou dizer, mas querem bater e matar.

Diante deste quadro, as esquerdas também estão fazendo suas opções. Neste momento, o confronto parece algo inevitável. O Estado deveria re-

primir com força o vandalismo político da extrema direita. O que temos, no entanto, é um governo golpista e sem qualquer legitimidade que, muito provavelmente, tentará omitir-se de

1 Professor Titular do Departamento de Economia, Administração e Sociologia – ESALQ – USP; Coordenador do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS – FFLCH - USP

2 Professora Titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

suas responsabilidades, abrindo mão do “monopólio da violência” para que criminosos façam uma repressão brutal contra os movimentos sociais. O estilo que se anuncia é o das milícias fascistas. Não devemos nos enganar sobre isto, nem imaginar que esta situação se resolverá de modo espontâneo. Se tais manifestações continuarem sem que o Estado reaja fortemente, as confrontações de rua estarão sob controle dos mais extremistas. Como dizia Hannah Arendt, “o que não é punido é permitido”.

Devemos lembrar que a Constituição e o estado democrático de direito, que ela impõe, existem exatamente para evitar e impedir este tipo de confronto nas ruas e esta falta de atuação do Estado. A Constituição institui garantias para a convivência civilizada. Quando rasgaram a Constituição em 2016, os golpistas abriram a possibilidade deste tipo de confronto sem regras. São, portanto, responsáveis diretos todos aqueles que, de um modo ou de outro, articularam ou apoiaram a derrubada de Dilma Roussef e que agora querem fraudar as eleições de 2018. Ninguém tem o direito de se sobrepor à lei para impor suas vontades políticas. Não obedecemos às pessoas mas às leis. Fora isto temos o direito à rebelião.

Se este tipo de violência fosse de responsabilidade de grupos da esquerda, qual seria a reação dos grandes veículos de comunicação? As denúncias seriam incessantes, exagerariam os fatos, criariam um

clima de repúdio social às violências, denunciariam os agressores como terroristas e tudo o mais. No entanto, o que temos? Um apoio tácito e silencioso aos crimes dos grupos fascistas. Por conta de situações deste tipo, precisamos questionar fortemente as concessões públicas de canais de TV e rádio. Estes grupos, que hoje dominam a comunicação no Brasil, não fazem aquilo que é básico para terem direito às suas concessões: constituir um espaço público para

O país encontra-se diante da possibilidade e da necessidade do retorno ao estado democrático de direito, mas também há o risco do aprofundamento do golpe por meio da violência política aberta.

o debate das questões de nosso tempo. Aqueles que não cumprem minimamente este requisito não têm condições de serem beneficiários das concessões públicas que transformam em fontes de seus lucros. A situação tornou-se tão grotesca que não conseguem sequer cobrir as notícias do carnaval sem que grosseiras distorções sejam cometidas em nome do golpe de Estado sob o qual vivemos. A cobertura do desfile da Paraíso do Tuiuti pela Rede Globo é um exemplo cabal desta destruição do espaço público promovida pelos grandes veículos de comunicação.

A sensatez pode ser retomada a qualquer momento e melhor antes do que depois. Não punimos os responsáveis por 1964, mas precisamos punir com rigor os responsáveis por 2016. A extrema direita precisa saber que o país é muito maior do que ela e, neste momento, precisa perceber ainda que não tem nada a propor, seu neoliberalismo não é uma proposta de nação, mas um achincalhe abusivo contra a solidariedade e o convívio. Chega de tolerar as loucuras e mesquinhas do 0,01% mais rico, cuja mentalidade escravocrata e fascista parece impermeável à realidade e ao bom senso. Somos 200 milhões e eles apenas 20.000, não é difícil imaginar formas de pressão que os incomodem. Não podemos mais permitir que eles destruam o ambiente, golpeiem a democracia, façam milhões viverem em pobreza extrema e corrompam tudo. Não há nada de racional ou humano no comando que propõem e, por isto, precisam dar lugar para que outros conduzam o país.

* As ideias contidas neste artigo são de seu(s) autor(es) e não necessariamente expressam as posições oficiais do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.